

EVOCAÇÃO DE NATÉRCIA ROCHA. COINCIDÊNCIAS E DESCOINCIDÊNCIAS

ANTÓNIO TORRADO

A nossa vida, tal como o mundo, dá muita volta. Se acreditamos que há uma predeterminação a comandar os nossos passos, não podemos confiar-nos ao acidental, ao fortuito para inflectir o diagrama das nossas vidas. Deste ponto de vista não há acasos. Nem coincidências.

Procurei por dicionários o antónimo de coincidência. O Houaiss regista «incoincidência» o que me parece demasiado fácil. Em texto de escritor africano lusófono, já vi escrito, com aquela invejável desenvoltura que choca os académicos guardiães da língua mater, já vi escrito «descoincidência». Prefiro.

Pois é de coincidências e descoincidências que venho falar-vos.

Eu vivia com os meus pais num prédio de andares, ao tempo novo, do bairro lisboeta de Alcântara. Rua da Creche, n.º 19, 2.º Direito – uma das primeiras toadas que me obrigaram a decorar, para o caso improvável de o menino que eu era se perder.

Tantas vezes já que me perdi e a morada do casulo matricial, como uma fórmula mágica, um talismã contra as perdições do mundo, de nada me valeu.

Pois morava no 19, 2.º direito, mas o nosso agregado estava de mudança. Antes de deixar a casa onde nasci e vivi a infância e o primeiro trecho de juventude, vagou por cima do nosso andar o 3.º direito.

Os prédios, dantes, eram uma espécie de navios ancorados, à beira das ruas. Os inquilinos, quais passageiros de um longo cruzeiro de rota e rotina certas iam sabendo uns dos outros pelo meio de comunicação que era a escada de serviço, em transmissão contínua, à conta das empregadas domésticas. O senhor Matias do 1.º esquerdo está doente. Foi lá o médico. O senhor capitão do r/c direito tem cá a irmã que veio de Amarante. A Madame da cave teve de meter hóspedes lá em casa, porque lhe cortaram o crédito no talho.

Deste vai-e-vem noticioso soube-se que, para o 3.º direito, tinha aportado uma família com dois filhos, vinda de África. O senhor é doutor e trabalha, parece, para a Cuf, e a senhora dá explicações em casa...

Dias depois, contou o meu pai, ao jantar, que se cruzara com um conhecido seu do comércio dos azeites, o senhor Camacho, que tinha vindo visitar a filha, a tal senhora professora recém-chegada de Angola, nova vizinha do 3.º direito.

Mais não soube. Entretanto, nós mudámo-nos e só cerca de 25 anos depois, aferindo memórias, vim a saber que a dita senhora, episodicamente minha vizinha, era nem mais nem menos do que a Dr.^a Natércia Rocha. Foi nos fins dos anos 70, início dos 80. Era eu editor e ela responsável, no Ministério da Educação, pelo serviço de aquisição de livros para as primeiras Bibliotecas do Ensino Básico Elementar.

Mantivemos desde então uma boa vizinhança, determinada por interesses comuns, que veio a desembocar numa sólida amizade. Dessa amizade aqui falarei, prestando assim o meu testemunho muito pessoal que ninguém esperará que seja isento, desapegado, porque está irremediavelmente contaminado pelo afecto. E pela saudade.

Há um romance de Jules Romain, autor francês de entre as duas guerras, provavelmente, como muitos outros, de identidade e obra já um tanto esmaecidas, que começa com a «Morte de Alguém» (título do livro), alguém cuja memória perdura, intensa e vivaz, porque alimentada pelas falas cruzadas

de muitos companheiros, cúmplices, amigos que não deixam que se desvaneça a sua sombra na desmemória. Com o rolar do romance e dos anos, os muitos passam a ser poucos, cada vez menos, até ao extremo de, num lícido dia de sol parisiense, um velho, ao passar por determinada rua, ser tocado por um lampejo de um episódio da sua infância, em que participara um amigo do pai... quem, afinal? Os contornos do episódio remoto esmorecem e dissipam-se, o nome desse alguém não chega a ser aflorado, tudo é engolido pela cinza unânime em que mergulharemos todos, quando nem o nosso nome sobejar na memória de um único ser humano.

Jules Romain terminará o romance, iniciado com a «Morte de Alguém», certificando que apenas nesse momento culminante, só nesse momento esse alguém, definitivamente, se ausentou dos vivos.

A energia calorosa que Natércia Rocha dispendeu em vida continuará a acompanhar-nos nas nossas falas e encontros. «Lembras-te daquela vez em que a Natércia disse que...?», perguntar-me-á o Rui Marques Veloso. «E, quando a Natércia, naquele colóquio, respondeu que...» recordará a Maria Alberta Menéres.

Tudo episódios férvidos, impetuosos, porque a Natércia não era de meias-tintas nem de mornidões. «Detesto o morno e o cor-de-rosa» sentenciava, tonitruante, na minha juventude, um velho anarquista. A Natércia Rocha, embora não afinasse as suas preferências políticas pela cartilha de Bakunine ou Kropotkine, bem seria capaz de dizer o mesmo.

Da leva geracional do *post* guerra, quando todos os desejos estiveram quase a tornar-se realidade e a derrota das grandes ditaduras prenunciava a derrocada das suas sucursais ibéricas, Natércia Rocha participou no Mud-Juvenil, movimento de unidade democrática que teve, entre outros expoentes de luta de oposição ao salazarismo, figuras como Maria de Jesus Barroso, Mário Soares, Salgado Zenha, Arquimedes da Silva Santos, João Folcato, Rui Grácio, uma geração que por pouco

não foi uma geração perdida. Resgatada quase *in extremis* com o 25 de Abril de 74, ainda teve oportunidade de mostrar e provar o que valiam os seus sonhos e aspirações.

Natércia Rocha ingressara, em 1942, no antigo curso de Histórico-Filosóficas da Faculdade de Letras de Lisboa, instalada, nessa época, num velho edifício conventual, paredes meias com a Academia de Ciências.

Na escola, na faculdade, cimentam-se amizades para a vida. Matilde Rosa Araújo, David Mourão Ferreira, Ricardo Alberty eram os mais próximos, mas a convivência alargava-se a colegas como Barradas de Carvalho, Joel Serrão, Sebastião da Gama, Judite de Carvalho, Urbano Tavares Rodrigues, para citar apenas alguns dos que desta geração de ouro mais se destacaram na cultura portuguesa. A menina muito loira, de olhos muito azuis que corria pelos claustros do Convento de Jesus, ao despique com a sua amiga Matilda, e não tinha medo de rir e era afirmativa e desafiadora, anunciava a Dr.^a Natércia Rocha, desafianta e resoluta, que nós, muitos anos depois, nos habituámos a admirar.

Aos microfones da rádio, quando os aparelhos de rádio se chamavam de telefonias, Natércia participou, com entusiasmo pioneiro, na programação radiofónica juvenil, associada a uma popular revista, o *Senhor Doutor*, dirigida por Oliveira Cosme, o criador das *Lições do Tonecas*. De lembrar que, nos anos 30, esta revista publicara, em folhetim assinado pelo «Avô do Cachimbo», a primeira versão das deliciosas *Aventuras do João sem Medo* do poeta José Gomes Ferreira.

Por diversas vezes Natércia Rocha me confidenciou da sua pena de não ter prosseguido a experiência radiofónica e de não haver registo quer gravado quer escrito dos muitos diálogos e peças de teatro para crianças que escrevera para a rádio, nesse tempo só em som directo. Das que para teatro de fantoches escrevera para a RTP, nos anos 80, a convite de Maria Alberta Menéres, então responsável pela programação infantil da estação pública, ainda teve oportunidade de recolher em

livro, o seu último livro, *Teatro do Gato do Chapéu Alto* publicado, em Setembro de 2003, pela Editorial Caminho.

Mas o núcleo expansivo da sua obra, o que provavelmente mais justificará que a evoquemos, neste simpósio dedicado ao livro para crianças e jovens, concentra-se na sua actividade, de meados dos anos 70 em diante, como promotora de uma cada vez maior difusão e qualificação da leitura infantil e juvenil, no espaço escolar.

Professora que integrou a primeira vaga de docentes destinados ao Ciclo Preparatório – e está por ser prestada justiça ao muito que de pedagogicamente inovador, nomeadamente nas áreas do Português e da História, o surgimento deste ciclo trouxe ao esclerosado ensino em Portugal dos fins dos anos 60 –, professora na Escola Paula Vicente e também habilitada com o curso de Bibliotecária-Arquivista e Documentalista, Natércia Rocha veio a dirigir a Biblioteca da Direcção-Geral do Ensino Básico. Nessas funções vim a conhecê-la.

Há datas que são divisórias na História de um país, como obviamente foi o 25 de Abril de 1974. Mas também há pessoas que pela sua intervenção mobilizadora, associadas a tempos históricos de renovo, marcam um antes e um depois da sua actuação, num contexto determinado. Na História da Literatura e da Leitura para crianças e jovens em Portugal, não tenho dúvidas em demarcar a diferença que vai do antes para o depois da actuação de Natércia Rocha, neste domínio.

Já possuo, fruto da idade, tempo de recuo suficiente para avaliar o antes e o depois. Antes: poucos livros para crianças e modestos no aspecto, predomínio de traduções, livrarias mal abastecidas, escassa diversidade temática, lenta rotação das edições, crítica inexistente, indiferença dos *media* e dos agentes culturais para com este sector, considerado periférico da literatura, docentes e pais sem instrumentos de avaliação e escolha e mais não acrescento, porque haverá alguns incorrigíveis pessimistas que me dirão que, ao fim e ao cabo, a situação não mudou tanto assim...

Ai se mudou! Basta olhar para os escaparates de uma qualquer grande livraria para nos apercebermos das mudanças. Não quero com isto afirmar que se deva a diferença à intervenção de Natércia Rocha. Contemos, em aliança, com a coadjuvação de agentes decisivos, como o alargamento e a democratização do ensino, o acesso de novas gerações e grupos sociais a bens de consumo, um maior prestígio dos valores culturais, a ampla inclusão nos manuais escolares de autores contemporâneos, a associação dos difusores audiovisuais à promoção do livro, a contribuição divulgadora e incentivadora da leitura por parte das novas bibliotecas municipais e escolares, entre outros accionadores que promoveram a diferença do antes para o depois.

Não podemos, porém, esquecer que o primeiro impulso para a inclusão da disciplina de Literatura para Crianças no *curriculum* das Antigas Escolas do Magistério Primário se ficou a dever a Natércia Rocha, cabendo a Dulce Rebelo e Matilde Rosa Araújo, a partir do ano lectivo de 74/75, a responsabilidade da elaboração do respectivo programa, substituído a partir da reforma de 77/78 por um novo programa, este de autoria de Natália Pedroso de Lima, Rui Marques Veloso e da própria Natércia Rocha.

Deve-se também a mediação sua o protocolo entre o Ministério da Educação francês e o português, que promoveu a ida a França dos primeiros professores desta área de ensino, para a frequência de cursos e seminários, assim como a vinda a Portugal de investigadores e especialistas como George Jean, patrono da pedagogia do imaginário, que a muitos de nós nos tocou, como só os grandes mestres o conseguem fazer, a ponto de se poder afirmar que o seu apostolado entre nós impregnou todo um sector pedagógico aberto às expressões, à oficina da palavra, ao jogo poético. George Jean, personalidade de culto, se em Portugal tem discípulos, tal o ficou a dever a intermediação de Natércia Rocha.

Porque não só os engenheiros civis levantam pontes! Essa capacidade de associar margens, de vencer o vazio, estendendo um tabuleiro suspenso, e não apenas para locomoção própria

mas para uso comum, para quem mais vier, era uma das virtuosas características de Natércia Rocha. Ela emprestava livros, fornecia bibliografia, revia provas alheias, proporcionava traduções, avivava interesses e, sobretudo, não se fechava em copas como sabemos que muitos o fazem, na defesa da sua trincheirazinha, escavada à unha.

Tal como antes na rádio, estava também destinado a Natércia na motivação do gosto para a leitura um desempenho pioneiro.

A bitola máxima de habilitação da escola salazarista limitava-se ao saber «ler, escrever e contar», apesar do progresso do mundo já exigir novas e mais ambiciosas valências. Atorroadamente e de longe, Portugal, seguindo a esteira do que «lá fora» se passava, começou a acrescentar anos à escolaridade obrigatória.

Para quem ainda se lembra, a prateleira de livros das antigas escolas de ensino primário oficial era uma paisagem confrangedora. Preenchiam-na os livros sobrantes da Campanha de Educação de Adultos do início dos anos 50 (discursos de Salazar, catecismos de propaganda do Estado Novo, manuais de higiene doméstica, louvações patrióticas a heróis e santos, etc.), como se imagina tudo matéria extremamente interessante para satisfazer o gosto pela leitura de crianças de 7, 8, e 9 anos...

A criação das primeiras bibliotecas escolares, onde os alunos passaram a ter acesso a obras de Sophia de Mello Breyner, Sidónio Muralha, Aquilino Ribeiro, António Sérgio, Ricardo Alberty, Leonel Neves, autores do seu e nosso tempo que começavam a ser-lhes familiares, pela leitura de trechos seus nos renovados manuais escolares do *post* 25 de Abril, a criação das primeiras bibliotecas escolares, foi obra de Natércia, batalliação sua, na Direcção do Ensino Básico do Ministério da Educação. Quando nós hoje visitamos as claras e luminosas salas das bibliotecas da nova rede de Bibliotecas Escolares não conseguimos imaginar o «sururu» que a primeira mão-cheia de livros infantis provocou nos idos anos 70. Polémicas, despiques,

melindres, atritos, tudo isto a Natércia soberanamente venceu. Outra que fosse soçobrar à onda de má-fé que, então, se levantou, mas não a Natércia, também Rocha de nome.

Entretanto, em 1979, Ano Internacional da Criança, iniciaram-se com o alto patrocínio de Manuela Eanes, os Encontros de Literatura Infantil da Fundação Calouste Gulbenkian. Organização conjunta dos Serviços de Bibliotecas e Apoio à Leitura da Gulbenkian, dirigidos por David Mourão Ferreira, e da Direcção-Geral do Ensino Básico, representada por Natércia Rocha, a importância destes Encontros não precisa de ser encarecida. Mobilizando educadores, investigadores, escritores, trazendo ao nosso país especialistas mundiais, atribuindo prémios a textos e a ilustrações, eles foram o ponto de partida e a semente de muitos outros congressos e simpósios pelo país fora, como este em que nos encontramos.

Haverá aqui quem se lembre da Natércia dos Encontros da Gulbenkian e da forma desembaraçada como resolvia alguns embargamentos da discussão. Era a Natércia Rocha no seu melhor.

Autoridade não lhe faltava como o provou com a publicação da primeira história sistemática da Literatura para crianças em Portugal, edição da Biblioteca Breve do Instituto da Cultura e Língua Portuguesa, obra essa de 1984, retomada e acrescentada em edição da Caminho de Janeiro de 2002. Tendo como pano de fundo a evolução das instituições educativas no nosso país, a autora mostrou que o livro para crianças foi também um instrumento ideológico do poder e do contra-poder, com uma aplicação correspondente às doutrinas pedagógicas em cada época prevalecentes.

As teses de mestrado e de doutoramento que, dedicadas a este género literário, as universidades passaram a acolher, sem mais preconceitos, desde os fins dos anos 80, referem sempre a *História* de Natércia na sua bibliografia básica.

Outro manancial de informação da responsabilidade de Natércia Rocha foi a *Bibliografia Geral da Literatura Portuguesa para*

Crianças, de 1987, que actualiza e aprofunda as «Achegas para uma Bibliografia Infantil» de Henrique Marques Júnior, datada de 1928. A *Bibliografia Geral* de Natércia, prefaciada por David Mourão Ferreira, abrange o largo período que vai de 1778, desde o *Livro dos Meninos* de João Rosado Villa-Lobos e Vasconcelos, a 1986. Obra exaustiva e de laboriosa produção que acompanhei e publiquei, quando da minha última aventura editorial, tem 3177 entradas e passou por quatro provas de autor. Se mais não passou, foi porque, a certo trecho, eu tive de fazer finca-pé e exigir a devolução das provas finais tal era o minucioso escrúpulo da autora.

Quando alguém se dispuser a actualizar esta bibliografia, que fechou em 1986, não se esqueça de nela passar a integrar os livros de ficção e de teatro para crianças, que Natércia, aproximadamente a partir desta data, passou a publicar, muitos deles ilustrados pelo traço ágil da sua ilustradora de eleição, Isabel Pissarra. Inclua-se nessa relação, os livros da série «1001 Detectives», que escreveu para a Caminho, em parceria com Maria Alberta Menéres e Carlos Correia, entre 1988 e 93.

Quem quer que se abalance a esse trabalho, que venha antes ter comigo, não para ajudá-lo na edição, que dessa estou bem livre, mas para decifrar-lhe ou desvelar-lhe pseudónimos que Natércia usou e que acrescentam mais alguns títulos aos que lançou com o seu próprio nome. Mas só os revelarei a quem me garantir, sob juramento, que vai de certeza actualizar a *Bibliografia Geral da Literatura Portuguesa para Crianças*.

A actividade crítica-ensaística em que Natércia Rocha se especializou (e lembremos, nomeadamente entre muitas intervenções na comunicação social, as recensões críticas regulares, que manteve nas páginas da *Seara Nova*) desviou-a, em parte, da produção literária própria. Posso, no entanto, assegurar que o veio criativo que lhe ditara os primeiros textos para a revista *Senhor Doutor* e para o Rádio Clube Português dos anos 30 nunca por completo se interrompeu.

Com maior desafio no estar, cumprida a tarefa ensaística que Natércia reconhecia estar bem entregue, em mãos

mais jovens, pôde, nos últimos anos, dar-se ao prazer distendido de escrever histórias, despretensiosamente, sem a angústia e o «fantasma da obra», que torturam e corroem a vida de muitos e maus ou bons escritores.

Natércia contava com a naturalidade de uma avó a contar à neta. Escrita límpida, atravessada por um fio de humor, atenta aos valores permanentes de solidariedade humana e aos temas ambientais e de segurança, a serenidade que dela transparece não nos recorda tanto a Natércia liderante e veemente, mulher de acção e de causas, que muito especialmente aqui trouxemos de novo.

Mas o ser humano é um teclado de muitas teclas, um mosaico, um puzzle complexo feito de coincidências e descoincidências. O que do labor de Natércia Rocha ficou em obra de amor pelos livros e pela leitura infantil e juvenil cumpre-nos a nós prosseguir-la e ampliá-la. Ainda há muito por fazer.

Creio, porém, que Natércia também gostaria de ser evocada pelos contos que escreveu. Assim sendo, vou ler, a terminar, da minha vizinha remota, mas ao longo dos últimos trinta anos minha dilecta vizinha de interesses e vivências comuns, uma breve história, recolhida no seu livro *Contos de Agosto* (Porto, Desabrochar, 1999, pp. 15-17):

Um boneco de barro

Esta é a história de um boneco de barro que encontrei caído no chão. Estava esfolado, sem tinta e sem cor. Nem consegui perceber que figura representava aquele boneco. Seria um camponês? Seria um pescador?

Às costas tinha um embrulho... Seria um saco? Seria uma ovelha? Mal sabia eu as arrelias que aquele boneco me ia arranjar. Nem sonham... É bem verdade que debaixo dos pés se levantam os trabalhos... Pois eu lá levantei do chão o boneco escaqueirado convencido de que estava a fazer uma boa acção. Depois é que foram elas! Mas eu conto... eu conto...

Levei portanto o boneco para casa e lavei-o, escovei-o, deixei-o secar... Resolvi então arranjar tudo a meu modo; peguei em pincéis e tintas e comecei o trabalho.

Tudo corria pelo melhor. O pastor com a ovelha ao pescoço estava a ficar um pasmo! Apurava-me nos retoques finais quando entrou a minha irmã. Como público até nem me desagradava...

– Olha que giro! – foi o primeiro comentário de quem nada percebe de arte...

A maninha olhou e ia tocar mas eu não deixei. Respeitinho, sim? Mantidas as distâncias a minha irmã continuou os comentários:

– A galinha está um amor! É uma mulher com uma galinha, não é, mano?

Quando ela fechou a porta já lhe tinha atirado com um ténis azul, um policial de duzentas páginas e o urso de pêlo que a mãe teima em deixar em cima da minha cama.

Olhei melhor, de longe e de perto.

Não tinha percebido o boneco. Ele só pode ser um camponês com uma enxada ao ombro. Pois claro! Deve ser um boneco muito antigo, talvez com mais de cem anos... Uma raridade!

Trabalhei com afinco. Acho que me esqueci da hora do jantar. Esqueci com certeza porque a minha mãe veio chamar-me ao quarto. Debruçou-se com ternura sobre o meu trabalho.

– Está lindo, meu querido! Tens tanta habilidade! Finalmente ia ser feita justiça ao meu esforço e ao talento. Olhei a mãe com mais carinho do que habitualmente e esperei os elogios; estava faminto de elogios...

– É fantástico! Está mesmo igual à cafeteira que me deu a tia Albertina. É uma cafeteira, não é, meu querido?

Sigam o meu conselho: não se metam a protectores de bonecos de barro caídos na rua.